



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A POLÍTICA DOS SAQUES: UMA ANÁLISE DO OCORRIDO EM ABREU E LIMA, 2014

Guilherme Figueredo Benzaquen

benzaquenguilherme@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Na noite de 13 de maio de 2014, foi deflagrada uma greve da polícia militar de Pernambuco, estado do nordeste brasileiro. Durante as 50 horas até o seu fim, a população local viveu momentos que ainda hoje ressoam em suas memórias. O destaque dado nos principais jornais do estado e do país foi ao número de crimes registrados: 234 pessoas foram detidas suspeitas de furtos, roubos, porte ilegal de arma de fogo, dano qualificado, perturbação do sossego, entre outros crimes. É importante, porém, pontuar que as imagens mais recorrentes daqueles dias são as de grandes saques praticados por homens, mulheres, adolescentes, idosos e crianças. Em Abreu e Lima, cidade que pertence à Região Metropolitana de Recife, 100 estabelecimentos comerciais foram saqueados. Na madrugada do dia 15 de maio, tropas do exército foram mobilizadas para realizar a patrulha nas ruas. A grandiosidade do acontecimento foi tamanha que virou manchete não só nacionalmente, mas também internacionalmente. Esse acontecimento que merece a atenção dada foi, entretanto, analisado publicamente apenas pela mídia e, de modo geral, com um enfoque excessivo na criminalização das ações desviantes. Ainda não foram produzidas reflexões acadêmicas acerca dos saques. Esse artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado sobre o tema e tem um duplo objetivo principal: fazer uma primeira sistematização do acontecimento e tentar uma aproximação teórica com a discussão sobre a política da violência coletiva. Partiremos da seguinte pergunta: como ocorreram os saques? Para realizar essa descrição iremos fazer uma análise documental dos três principais jornais em circulação no estado e uma análise de conteúdo dos vídeos e fotos veiculados na internet. O recorte temporal será de alguns dias antes dos saques, data do anúncio da greve da polícia militar, até a retirada do exército. A mídia local chegou a utilizar o termo “praça de guerra” para relatar o caso. O que nos remete à necessidade de uma análise crítica do que foi veiculado pela mídia, principal discurso sobre os acontecimentos. Levantamos a hipótese que para a compreensão desse momento é central a discussão acerca da política da violência coletiva. A esse respeito, Charles Tilly analisa as recorrências e os mecanismos que podem ajudar a entender a violência coletiva, negando a priori a existência de leis gerais que possam explicar todos os casos particulares. Em sua tipologia, os saques são enquadrados no que chama de oportunismo, que são



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aqueles atos que ocorrem quando há uma ausência da vigilância e repressão cotidianas e os indivíduos imediatamente provocam dano para conquistar aquilo que seria geralmente proibido. É, portanto, objetivo desse trabalho confrontar o caso de Abreu e Lima com as definições de Tilly para entender se este é um aparato teórico adequado para a compreensão desse acontecimento.

ABSTRACT

In the night of May 13, 2014, a police strike took place in Pernambuco – state located in the Brazilian northeastern coast. Throughout the 50 hours until the strike ended, the local population lived intense moments that still remain vivid in their memories. Both local and national press highlighted the crimes committed: 234 individuals were arrested for stealing, illegal weapon carrying and aggravated damage to property, among others. In addition, broadcasts were mainly filled with the images of widespread looting practiced by men, women, teenagers, seniors and children. In Abreu e Lima the whole commercial center was looted during 16 hours. In the dawn of May 15, the Brazilian Army was deployed to patrol the streets and, at that night, the strike was called off. The grandiosity of this event was stated by the big broadcasting it received nationally and internationally. But, this event was almost only analyzed by the media, with an approach that emphasizes the criminalization of the deviant actions. The academic production is still unsatisfactory. This article is a part of a Phd research and has a double goal: write a first systematization of the event and try a theoretical approach through the theory of the politics of collective violence. We will start with the follow question: how did the lootings happened? To make this description we will analyze the main three newspapers of the region. Our temporal range is from the announcement of the police's strike to the withdrawal of the army. Our hypothesis is that to understand this moment is important the discussion about the politics of collective violence. A discussion about the politics of collective violence is in order for the comprehension of this moment. About this, Charles Tilly analyzes the recurrence and the mechanism that can help us understand collective violence. In Tilly's typology, lootings are framed in what he calls opportunism, actions that take place when there is a lack of surveillance and the individuals act



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

immediately to conquer things that would be normally forbidden. Therefore is the goal of this work to analyze the Abreu e Lima case with the concepts of Tilly to understand how this theory is enough to understand what happened.

Palavras-chave

Saques, Abreu e Lima, Charles Tilly

Keywords

Lootings, Abreu e Lima, Charles Tilly



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Introdução

Na noite de 13 de maio de 2014, foi deflagrada uma greve da polícia militar de Pernambuco, estado do nordeste brasileiro. Durante as 50 horas até o seu fim, a população local viveu momentos que ainda hoje ressoam em suas memórias. O destaque dado nos principais jornais do estado e do país foi ao número de crimes registrados: 234 pessoas foram detidas suspeitas de furtos, roubos, porte ilegal de arma de fogo, dano qualificado, perturbação do sossego, entre outros crimes. É importante, porém, pontuar que as imagens mais recorrentes daqueles dias são as de grandes saques praticados por homens, mulheres, adolescentes, idosos e crianças. Em Abreu e Lima, cidade que pertence à Região Metropolitana de Recife, muitos estabelecimentos comerciais foram saqueados. Na madrugada do dia 15 de maio, tropas do exército foram mobilizadas para realizar a patrulha nas ruas. A grandiosidade do acontecimento foi tamanha que virou manchete não só nacionalmente, mas também internacionalmente. Levantamos a hipótese que para a compreensão desse momento é central a discussão acerca da política da violência coletiva. A esse respeito, Charles Tilly analisa as recorrências e os mecanismos que podem ajudar a entender a violência coletiva, negando a priori a existência de leis gerais que possam explicar todos os casos particulares. Em sua tipologia, os saques são enquadrados no que chama de oportunismo, que são aqueles atos que ocorrem quando há uma ausência da vigilância e repressão cotidianas e os indivíduos imediatamente provocam dano para conquistar aquilo que seria geralmente proibido. É, portanto, objetivo desse trabalho confrontar o caso de Abreu e Lima com as definições de Tilly para entender se este é um aparato teórico adequado para a compreensão desse acontecimento.

Para tanto nos centramos nos aportes teóricos desenvolvidos por Tilly e, de maneira secundária, por Javier Auyero, dado que o último parte das concepções tillyanas para, assim como nós, entender os saques. Nesse sentido, nos propusemos a realizar um exercício proposto pelo próprio Tilly (2003), de fazer um desafio empírico às suas formulações. Exporemos o que Tilly nos auxilia a entender sobre os saques, o que os dados construídos até o momento são incapazes de dizer e o que os dados negam da teoria tillyana. Mais do que uma aplicação de fórmulas, entendemos esse artigo como devem ser entendidos os conceitos de Tilly: um convite a pesquisas empíricas (Alonso, 2012). Para dar conta desse desafio foi feita uma análise documental de cinco



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

veículos midiáticos: os três principais jornais em circulação no estado (Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio) e dois portais de internet (Abreu e Lima em destaque e G1). O recorte temporal foi de alguns dias antes dos saques, data do anúncio da greve da polícia militar, até a retirada do exército, ao todo, quase um mês. Assim como Tilly, iremos priorizar os eventos, os “episódios de confronto”, e não as suas narrativas, suas representações. Porém, em alguns casos, a análise dos mecanismos só foi possível a partir do discurso de participantes nos eventos.

É importante especificar que quando nos referimos a saques estamos falando da: “activity of two or more persons either (a) forcibly seizing objects in spite of restraint or resistance or (b) attempting to seize objects but meeting with effective restraint or resistance” (Auyero, 2007 p. 21). Partiremos dela, pois nos permite ficar atentos para as seguintes características constituintes dos saques: é uma ação que não pode ser realizada por apenas uma pessoa e é conflitiva, pois não é aceita por outros sujeitos interessados nas mercadorias. Estamos, portanto, no terreno da violência coletiva. O que já justifica a escolha de Tilly como principal interlocutor, porém, além disso, o autor nos é importante por sua ênfase no caráter político das violências coletivas. Tilly critica os analistas políticos que consideram interações violentas como marginais ou antitéticas à política, o que o leva a valorizar fatores políticos para compreender as ações coletivas (Alonso, 2012).

Por fim, é necessário realizar uma ressalva quanto ao uso da mídia como fonte de nossa pesquisa. A mídia local chegou a utilizar o termo “praça de guerra” para relatar o caso. Uma hipérbole que nos remete à necessidade de uma análise crítica do que foi veiculado pela mídia, principal discurso sobre os acontecimentos. Sabemos que há uma relação específica entre a mídia e os crimes e, por mais, que não nos interesse debater o caráter ilegal dos saques¹, ele é assim retratado e visto pelos jornais. Não é objetivo desse artigo realizar uma análise do discurso midiático, porém podemos apontar que em nossas análises estivemos atento ao fato de que os saques tiveram um alto grau de valor-notícia, ou seja, eram únicos e atraentes o suficiente para agregarem valor e impactarem na venda dos jornais. A ação violenta é atraente porque relaciona “o medo dos indivíduos de serem vítimas de um crime e o imperativo da modernidade de promoção do

¹ A violência coletiva nem sempre é tipificada como crime pelo Estado e, quando isso acontece, não é algo que interessa tanto a Tilly, pois ele está ciente de que essas definições de ilegalidade são fluidas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entretenimento” (Melo, 2014 p. 140). Muitas vezes, os crimes são retratados de forma parcial e distorcida, o que não é necessariamente uma escolha ou um processo consciente, mas que se identifica na própria construção da notícia. Um exemplo disso é que muitas vezes as fontes dos jornalistas são os policiais – que são sujeitos importantes no processo, mas que têm uma visão particular que não é a única -, algo que ocorreu nas notícias sobre os saques de Abreu e Lima que citam constantemente os policiais.

A violência coletiva

Tilly define violência coletiva a partir de algumas características:

“episodic social interaction that: • immediately inflicts physical damage on persons and/or objects (“damage” includes forcible seizure of persons or objects over restraint or resistance); • involves at least two perpetrators of damage; and • results at least in part from coordination among persons who perform the damaging acts.” (Tilly, 2003 p. 3)

Portanto, não estaremos trabalhando com ações individuais nem acidentes ou danos não materiais. A categoria de violência coletiva é usada dessa maneira para dar conta de eventos muito díspares como: massacres, saques, sabotagens. O seu objetivo é entender o que esses eventos díspares têm em comum e sua conclusão é que existem mecanismos que perpassam as variadas formas de violência coletiva. Em suas palavras, “collective violence resembles weather: complicated, changing, and unpredictable in some regards, yet resulting from similar causes variously combined in different times and places” (Tilly, 2003 p. 4).

Uma ressalva importante do autor é que a violência coletiva não pode ser encarada como uma violência individual aumentada quantitativamente, ou seja, o saque não deve ser analisado como um roubo ou um furto generalizado. Existem especificidades – relativas a laços sociais, estrutura e processos – que só surgem quando a ação é coletiva,. A mais importante dessas especificidades é a coordenação entres os atores da violência coletiva. A coordenação pode variar bastante em grau: “collective coordination can run from no more than improvised signaling and/or common culture (low) to involvement of centralized organizations whose leaders follow shared scripts as they deliberately guide followers into violence-generating interactions with others (high)” (Tilly, 2006 p. 123). A coordenação é um dos fatores centrais na comparação que Tilly realiza entre as diferentes violências coletivas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Epistemologicamente, Tilly propõe que as violências coletivas sejam compreendidas através de uma visão relacional. Com isso ele está propondo incorporar os avanços daqueles que se focam nas ideias – têm um importante efeito prático a forma como as pessoas pensam a respeito do uso de meios violentos, de categorias sociais e da legitimidade da ação – e dos que se focam nos comportamentos – fortes regularidades comportamentais afetam a disponibilidade das diferentes categorias de pessoas de infligirem violência. Porém, seria necessário ir além desses dois enfoques e tomar como objeto central a maneira como variam os padrões de interação social, ou seja, os mecanismo mais relevantes para pensar esses episódios seriam os relacionais, aqueles que operam na interrelação entre as pessoas. “As relation people, we will focus our attention on interpersonal processes that promote, inhibit, or channel collective violence and connect it with nonviolent politics.” (Tilly, 2003 p.20). Mais do que negar completamente os fatores comportamentais e motivacionais, portanto, ele está levantando explicações a partir de outros pontos que permitem uma análise dos saques que ressalta questões importantes acerca de como teorizar para além dos que explicam pela “fome” ou pela “maldade” - discurso que foi verificado nas colunas de opinião dos jornais no caso de Abreu e Lima. A fome é elencada quando o saque (quer seja criticado ou elogiado) é uma resposta instintiva a um contexto de opressão e a maldade quando o saque (geralmente criticado) é fruto de um desvio de caráter e do não controle social. Um comportamento instintivo de sobrevivência e os desvios da moral hegemônica podem sim exercer alguma influência, porém não são fatores exclusivos nem necessários. Outros fatores podem ser mais importantes e, pode ser, que haja um contexto de fome e um desvio moral, mas que, mesmo assim os saques não ocorram.

Essa maneira de analisar as violências coletivas enfatiza a conexão com processos políticos não violentos. Relações interpessoais de coordenação ocorrem tanto em demandas violentas quanto não violentas e algo muito recorrente é que um episódio violento tenha início em uma ação coletiva ou individual não violenta. Isso foi verificado em Abreu e Lima. No dia 14, à tarde, ocorreu um protesto no quilômetro 50 da estrada que corta a cidade, em uma altura próxima à prefeitura. A cidade vivia um contexto especial: era seu aniversário e, portanto, feriado municipal. O comércio estava fechado e estava prevista uma programação de comemoração que incluía apresentações



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

escolares, missas e shows de bandas de grande apelo popular. Porém, por contra da greve da polícia militar do estado, os shows foram adiados pela prefeitura como medida de garantia da ordem. Os jornais apresentam duas hipóteses do motivo do protesto: o atropelamento de um idoso na BR-101, na altura do bairro da Matinha, e o anúncio do cancelamento do show de aniversário da cidade. Os jornais também não conseguiram apurar com precisão a quantidade de pessoas que participaram do protesto. O que se sabe é foram queimados pneus na via e que o congestionamento foi aumentando. A evolução para ações coletivas violentas ocorreu quando um ônibus da empresa Itamaracá foi depredado com pedras e incendiado. Depois de sua destruição, o fogo foi controlado pelos funcionários com a ajuda de alguns moradores. Logo após, segundo o Diário de Pernambuco com fontes da polícia rodoviária federal, cerca de 30 pessoas começaram a assaltar os veículos que estavam presos no congestionamento, não se sabe se foram assaltados veículos privados ou apenas caminhões. Alguns dos sujeitos que abordaram os carros estavam de rostos cobertos. A última ação antes dos saques das lojas, foram saques de caminhões de carga. O mais mencionado dentre eles foi o dos correios que realizava o transporte de correspondências. Em Abreu e Lima é possível verificar algo que Tilly constata em seus estudos: a existência de uma porosidade entre diferentes tipos de violência coletiva. Além de ocorrer a passagem de uma ação não violenta (o protesto) para ações violentas, as últimas também mudaram: primeiro ocorreu a destruição do ônibus para somente depois começarem os saques. A causa dessas evoluções é pouco solucionada por Tilly e, no nosso caso, também não é possível apontar hipóteses sólidas com os dados que construímos até o momento.

Outra questão central para a reflexão tillyana sobre violência coletiva é sua relação com a política cotidiana. Esses episódios não aparecem do nada, por mais que assim possa parecer sem as devidas análises. Há uma relação entre agrupamentos contenciosos e as políticas rotineiras que acontecem no mesmo lugar, porém o problema é responder qual é a relação. A literatura que parte dos enfoques de Tilly vai responder essa questão focando na ação de empresários políticos e especialistas da violência. A centralidade desses atores na mediação da política cotidiana e a violência coletiva varia enormemente entre regimes. Os empresários políticos seriam aqueles que fazem mediações, criando conexões onde antes não havia. Seria especializados na ativação,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conexão, coordenação e representação (Tilly, 2003 p. 35). Os empresários políticos teriam um papel na ativação da violência coletiva (que pode ser indireto, como por exemplo quando conectam atores violentos com não-violentos). Já os especialistas da violência podem ser funcionários estatais, aqueles que controlam os meios de infligir dano a pessoas ou objetos, ou estarem fora do governo: atletas especializados em infligir dano, agentes de segurança privada, membros de gangues, guerrilheiros, bandidos. Uma ressalva feita por Tilly é a de que os especialistas da violência nem sempre servem os interesses das instituições das quais participa, muitas vezes seguem dinâmicas próprias.

Esse é o pano de fundo das explicações de Auyero (2007) dos saques na Argentina em 2001. Como é central em seu trabalho a relação entre ação coletiva e interação social cotidiana, o autor pesquisou e encontrou evidências de que os especialistas da violência governamentais, os policiais, e os saqueadores tiveram conexões clandestinas e dividiam uma intimidade não visível. Isso influenciou decisivamente na trajetória dos acontecimentos, como locais e mercadorias que foram saqueados. Por exemplo, não ocorreram saques nas grandes redes de supermercado, o que pode ser explicado pelo policiamento extensivo que esses estabelecimentos receberam durante os acontecimentos. O que não aconteceu em lojas de médio e pequeno porte que estavam em áreas que foram chamadas de “zonas liberadas” porque a polícia decidiu se ausentar delas. No nosso caso, não foram encontrados dados que demonstrassem a existência de empresários políticos, algo que é bastante compreensível dado que geralmente essas relações se esforçam por não serem percebidas pela mídia. Somente através de um trabalho de campo prolongado que permitisse estabelecer laços de confiança com os moradores de Abreu e Lima seria possível verificar ou não a existência dos empresários políticos. Já os especialistas da violência apareceram bastante nos jornais, porém sua importância para os acontecimentos são mais relacionados à ausência dos policiais e agentes de segurança privada do que na ativação dos saques².

Para terminar esse tópico dedicado ao conceito de violência coletiva é necessário abordar a questão relativa ao ator político que se engaja nessas ações. Sabemos que no caso de Abreu e Lima foram identificados crianças, adolescentes, homens, mulheres e idosos, ou seja, pessoas de todas as faixas etárias. A abrangência também envolve a questão de renda: “pessoas humildes” e “pessoas

² Tema que trataremos mais detalhadamente quando lidarmos com os mecanismos do oportunismo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

com renda familiar considerável”. Além disso, há menções nos jornais a determinadas categorias sociais: evangélicos e alunos de uma escola pública são citados. Para aprofundar as características dessa lista inicial, Tilly nos ajuda, pois parte da ideia de que os atores que participam têm sempre conexões anteriores aos episódios contenciosos.

“every actor that engages in claim making includes at least one cluster of previously connected persons among whom have circulated widely accepted stories concerning their strategic situation: opportunities, threats, available means of action, likely consequences of those actions, evaluations of those consequences, capacities to act, memories of previous contention, and inventories of other likely parties to any action.” (Tilly, 2003 p.33).

Algo que novamente remete à conexão entre esses episódios e o cotidiano. Isso pode ser verificado em Abreu e Lima, pois em alguns jornais é apontado o fato de que os que saquearam eram “vizinhos” e “conhecidos”. Isso teve uma repercussão importante nos momentos posteriores aos dos saques, quando os moradores relatam que perderam a confiança naqueles que conheciam e que agora têm medo em ambientes cotidianos.

Os saques como oportunismo

Tilly é um autor das grandes estruturas, processos amplos e comparações enormes (1984), o que faz com que seu interesse ao discutir as violências coletivas seja mais estabelecer as conexões entre os diferentes tipos do que explorar em profundidade casos específicos. Para isso, ele desenvolveu uma tipologia que o permitisse englobar diferentes ações e comparar os tipos distintos. A comparação está baseada no grau de coordenação e saliência e em quais mecanismos são postos em prática em cada violência coletiva. Os mecanismos não são leis gerais e sim causas numa escala pequena: eventos similares que produzem os mesmos efeitos imediatos através de um amplo alcance de circunstâncias. Ao invés de causas de escalas muito amplas (pobreza, extremismo, competição por recursos), Tilly se propõe a pensar em aspectos menores, sendo portanto, a escala de análise um fator central na sua discussão acerca das violências coletivas.

Na sua tipologia, os saques estão na categoria de oportunismo, conjuntamente com estupros coletivos, pirataria, assassinatos por vingança e algumas formas de pilhagem militar. A palavra oportunismo em português carrega uma forte conotação moral, porém o que Tilly (2003, p. 14) pretende enfatizar é a ideia de oportunidade: “as a consequence of shielding from routine



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

surveillance and repression, individuals or clusters of individuals use immediately damaging means to pursue generally forbidden ends”. Em termos de saliência o oportunismo teria um alto grau. O que condiz com as fotografias e os relatos dos impactos provocados pelos saqueadores, assim como com a repercussão que o caso teve. Já em termos de coordenação, o oportunismo teria um baixo ou médio grau. Os jornais novamente não são uma fonte decisiva para identificar se isso ocorreu no caso por nós analisados, pois não sabemos ao certo se as pessoas estavam agindo conjuntamente ou não. Há, entretanto, alguns depoimentos, nos quais os indivíduos falam de decisões individuais. Estariam passando, viram e decidiram participar ou estavam em casa, souberam e foram participar. Isso coloca em questão a afirmação de Auyero (2007) de que os saques são ações de grupos não de indivíduos isolados. É possível adequar essa proposição aos dados se os grupos forem pensados de efêmera, se formando no ato mesmo do saque, baseado em vínculos anteriores como já demonstrado, mas que não necessariamente planejaram ou organizaram discursivamente a ação.

Voltando para a noção de oportunismo é possível verificar que ela é definida a partir dos mecanismos que a compõe. Esses mecanismos aparecem isoladamente em outros tipos de violência coletiva, mas conjuntamente aparecem especialmente no oportunismo. São quatro: resposta ao enfraquecimento, distração ou falha da vigilância; sinalizações que comunicam ser possível realizar por meio imediato aquilo que geralmente são práticas de risco; ativação de fronteiras entre “nós” e “eles”; e retaliação seletiva de experiências anteriores.

A falta de vigilância é o mecanismo mais evidente no caso de Abreu e Lima, afinal de contas, os saques ocorreram durante uma greve da polícia. A greve começou dia 13 de maio após uma passeata de policiais e bombeiros militares. A decisão foi tomada no final em uma assembleia das categorias. Não se sabe o número exato dos grevistas, porém a maioria dos que aderiram foram os praças, ou seja aqueles de baixa hierarquia militar, enquanto que os oficiais, que ocupam cargos de maior comando, aderiram menos. A adesão foi grande em todo o estado, não apenas na Região Metropolitana do Recife. Durante a greve os policiais se aquartelaram e não desempenharam as suas funções de policiamento ostensivo, ou seja, de repressão nas ruas dos crimes que forem cometidos. As chamadas para dar conta de ocorrências em Abreu e Lima não foram atendidas, assim como as rondas não foram realizadas. Os trabalhos foram realizados apenas com a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

participação de policiais civis e da polícia rodoviária federal. Porém, como os relatos dos jornais indicam, o pequeno número desses policiais em Abreu e Lima não foi capaz de coibir os saques. Em alguns casos a polícia conseguiu deter os saqueadores, mas muitas vezes tentou apenas dispersar, pois não havia efetivo para dar conta das prisões. Ocorreram também confrontos entre saqueadores e a polícia e, em pelo menos um dos casos, a polícia rodoviária federal teve que recuar. Outro caso relatado é quando na manhã do dia 15, o delegado da polícia civil de Abreu e Lima, Alberes Félix, e três comissários foram ao bairro para tentar conter os saques a dois supermercados. Em frente a mais de uma centena de moradores, os policiais dispararam para o alto. Algumas pessoas ameaçaram atirar pedras, mas foram forçados a recuar. Durante as 16 horas em que aconteceram os saques, algumas lojas recorreram à segurança privada, o que ajuda a explicar o fato de que os saques diminuíram e migraram da região central da cidade para Caetés 3, um bairro periférico. A vigilância também foi reconstituída pelo auxílio do exército que foi requisitado pelo governador João Lyra para desempenhar o policiamento ostensivo. A Operação Pernambuco contou com 2250 homens e foi mantida por mais 14 dias após o fim da greve que ocorreu no dia 15 de maio.

O que pode ser verificado é que ocorreu realmente a ausência da vigilância, portanto foi um mecanismo dos saques. Porém discordamos de alguns colunistas dos jornais que defendem que essa seria uma causa suficiente: não nos parece ser possível afirmar que foi só por conta da saída da polícia que os saques ocorreram. Nosso argumento está baseado na ideia de que a greve da polícia ocorreu em todo o estado e que os saques foram localizados e só tiveram tamanha amplitude em Abreu e Lima. Além disso, os saques acabaram antes do fim da greve e da chegada do exército, o que significa que outros fatores influenciaram o processo. Com relação aos nossos dados, eles se mostraram bastante relevantes para pensar essa questão. Isso remete ao apontado na introdução a respeito da noticiabilidade dos saques ter relação com uma perspectiva criminalizante. A mídia centrou suas análises geralmente em dados criminais e na atuação da polícia.

O segundo mecanismo a ser analisado é a comunicação que permite a utilização de meios imediatos para fins geralmente de alto risco. No caso analisado por Auyero (2007), ele identificou algo bastante significativo a esse respeito: existiram flyers chamando para os saques. Porém no nosso caso, ainda não foi possível identificar nada parecido. É bastante razoável imaginar alguma



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

forma de comunicação, porém não há indícios delas nos jornais, a não ser o caso de um saqueador que relata que, quando passava na frente de uma loja durante um saque, escutou de um outro indivíduo que o gerente havia liberado a ação. Apesar de não estar ligado diretamente ao mecanismo que estamos analisando, foi possível identificar em Abreu e Lima algo recorrente nos casos de saques: os boatos. O principal meio de veiculação dos boatos foi a internet, mais especificamente as redes sociais. Já no começo da greve uma série de crimes (tiroteio, estupro, assaltos, arrastões e linchamentos) foram divulgados, porém os órgãos oficiais negaram suas existências. Um exemplo paradigmático é que uma mesma foto de um assalto a um carro foi divulgada como tendo ocorrido em diversos locais da Região Metropolitana de Recife. Outro dado interessante é que os boatos sobre os saques começaram já no dia 13, antes da primeira ocorrência de saques. Uma consequência desses boatos foi o fato de que vários estabelecimentos fecharam mais cedo ou cancelaram seus expedientes.

Voltando à análise do segundo mecanismo, se não é possível identificar como se deram as comunicações, é, por outro lado, possível afirmar que foram utilizados meios imediatos para fins geralmente de alto risco. Ocorreram arrombamentos em lojas e supermercados. Nas ruas eram visíveis pessoas carregando os eletrodomésticos saqueados nos braços, em carros e em carrinhos de mão. O número das lojas saqueadas varia nos jornais entre 25 e 200, o que demonstra tanto a dificuldade de apuração dos dados quanto uma certa displicência ao não revelar para os leitores que os dados são inconclusos. O que se sabe é que dentro das mercadorias saqueadas estão eletrodomésticos (televisões, geladeiras, fogões, máquinas de lavar, ar-condicionadores, ventiladores, impressora, telefone, freezers), mercadorias de supermercados, estruturas das lojas (prateleiras e vitrines), roupas, sapatos e sandálias. Apesar da abrangência das mercadorias saqueadas, os dados confirmam a hipótese de que há algum critério de seletividade nos saques. No nosso caso, ele aponta para as lojas que foram alvo dos saqueadores. Todas as lojas nomeadas (Eletroshopping, Laser Eletro, Elektra, Esposende, Figueira Calçados, Di Santinni, Arco-Iris e TodoDia) são lojas de médio a grande porte, o que significa que o pequeno comércio local não foi atingido.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O terceiro mecanismo explorado por Tilly que compõe o conceito de oportunismo é a ativação de fronteiras entre um “nós” e um “eles”. Ele consiste no estabelecimento da fronteira e de interações diferentes entre aqueles que estão dentro ou fora da fronteira. Esse é um mecanismo bastante relevante para explicar o que aconteceu em Abreu e Lima, porém nos jornais ele só aparece posteriormente aos saques quando uma variedade de atores começa a disputar o significado dos saques. Uma semana depois dos saques, aproximadamente cem pessoas colaram papéis em formato de coração nas portas dos estabelecimentos comerciais da cidade. A iniciativa batizada de “Aqui bate um coração” teve o intuito de mostrar que nem todos os habitantes do local concordavam com o ocorrido durante a greve, ou seja, ativa o estabelecimento das fronteiras. Dez dias depois do encerramento da greve foi organizada uma manifestação na cidade pela prefeitura, lojistas e sociedade civil. O movimento teve dois grandes lemas: “Tenho orgulho de ser abreu-limense, sou cidadão” e “Sou Abreu e Lima, sou do bem”. Nele autoridades municipais deram declarações nas quais afirmavam que apenas uma minoria não representativa havia participado dos saques e que muitos dos saqueadores não eram de Abreu e Lima. O prefeito afirmou que o povo de Abreu e Lima é ordeiro, portanto, seria incapaz de participar nos eventos. Como expomos acima, essas declarações não parecem verdadeiras, pois muitos dos relatos durante os dias afirmam que os saqueadores eram moradores locais e conhecidos, porém o mais importante é perceber que ocorreu uma ativação de fronteira em que o outro – pouco definido, a não ser pelo fato do não pertencimento ao “nós” - é o culpado.

O último mecanismo diz respeito à retaliação de experiências negativas anteriores. Nele, Tilly busca identificar o quanto os alvos das ações oportunistas são locais em que os atores passaram por alguma relação prejudicial que seria retaliada quando a oportunidade surgiu. Nos relatos relativos aos saques não foi encontrada nenhuma menção que indicasse algo do tipo em Abreu e Lima, porém isso não significa que não ocorreu. Em pesquisa em jornais anteriores aos saques, foi possível encontrar várias denúncias de moradores contra uma loja que empresta dinheiro e faz cobranças coercitivas e violentas daqueles que não pagam. Esse é apenas um caso e não é possível afirmar que seja algo relevante, porém o fato é que essa loja foi bastante destruída durante os saques.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As contribuições de Tilly para o entendimento das relações sociais que ocorrem durante os saques são bastante relevantes, porém não é possível encontrar grandes contribuições a respeito das motivações dos que os praticaram. Isso é explicitado pelo autor que reconhece essa deficiência e que afirma que ninguém chegou perto de solucionar essa questão em relação aos atos enquadrados no oportunismo. Ele arrisca dizer que a ganância, a raiva ou o medo podem ser fatores importante nesse tipo de ação, porém não desenvolve essa afirmação (2003, p. 105). No nosso caso, tampouco podemos oferecer uma explicação satisfatória para a motivação dos que saquearam. Os depoimentos recolhidos pelos jornais são todos feitos após os saques quando algumas das mercadorias estavam sendo devolvidas. Esse fenômeno foi bem marcante no caso de Abreu e Lima e foi significado pelos que devolviam como atos de arrependimento e vergonha pelo que fizeram. Nesse sentido, apenas uma parcela dos que saquearam foi escutada e esses estavam imbuídos pelo sentimento de culpa, o que está relacionado com o fato de negarem a vontade de pegar e explicarem os motivos não por uma escolha pessoal, mas pela imitação da escolha dos outros. Com os dados que construímos não é possível negar a importância que teve o contágio das ações, porém acreditamos que seria necessária uma pesquisa com aqueles que não se arrependeram para definir de modo satisfatório as muitas motivações que estavam em jogo no momento. De todo modo, é importante retomar uma importante constatação de Ginzburg (1991) a respeito do caráter ritualístico de saques da Idade Média na Itália: há uma constelação de motivos durante o mesmo caso de saque. Ou seja, é preciso tomar cuidado ao afirmar que apenas alguns motivos representam a totalidade dos sujeitos que estavam presente naqueles momentos.

Conclusão

Para finalizar devemos explicitar quais os avanços e limites do exercício que nos propomos. Acreditamos que a proposta de realizar um desafio empírico à Tilly se mostrou bastante produtiva, pois o convite à pesquisa nos fez identificar determinados aspectos dos saques em Abreu e Lima que poderiam passar despercebidos (vale destacar as questões relacionadas à coordenação, ao boato, à ausência de vigilância e ao estabelecimento de fronteiras). Por outro lado, a especificidade do caso analisado demonstrou que algumas características do conceito tillyano não são tão relevantes em



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

todos os casos de ações oportunísticas (eminentemente o caso do mecanismo de retaliação de experiência negativas anteriores). Porém, além disso, uma análise acerca dos saques em Abreu e Lima em 2014 ganha com a possibilidade de identificação das possibilidades e limites da utilização dos jornais para responder algumas perguntas. O enfoque jornalístico tem seus critérios próprios, o que faz com que negligencie questões que para nossa pesquisa são importantes. Nesse sentido, o convite à pesquisa que representou esse artigo irá se estender e outros tipos de dados serão necessários a continuidade – como a análise de vídeos dos saques e a realização de entrevistas.

Por fim gostaríamos de encerrar com uma contribuição de Auyero (2007) que realiza uma interessante crítica tillyana à Tilly. Ao pensar os saques, o autor vai perceber que a definição desses como sendo simplesmente uma ação oportunista não é suficiente para dar conta da complexidade do fenômeno. Portanto, ele irá sugerir que outras categorias da tipologia tillyana das violências coletivas sejam também elencadas para explicar os saques.

“The closer we look at the lootings, the more we see “broken negotiations” in their midst [forms of collective action that produce resistance “to which one or more parties respond by actions that damage persons and/or objects” (Tilly 2003:16)]. More surprising is the fact that a meticulous examination of their unfolding hints at elements of “coordinated destruction” [where persons and/or organizations “that specialize in the deployment of coercive means undertake a program of damage to persons and/or objects” (Tilly 2003:14)].” (Auyero, 2007 p.28).

Essa proposição nos parece bastante relevantes dado que permite encarar uma série de outras questões para interrogar o caso a ser explicado.

Bibliografia

AUYERO, J. *Routine politics and violence in Argentina*. The Gray zone of state power. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ALONSO, A. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Revista Sociologia e Antropologia*, v. 2/3, 2012, pp. 21-41.

GINZBURG, C. Saques rituais – Preâmbulo de uma investigação em curso. Em: *A microhistória e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MELO, P. Criminologia e teorias da comunicação. Em: LIMA, R; RATTON, J. & AZEVEDO, R. (org.). *Crime, Polícia e Justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

TILLY, C. *The Politics of Collective Violence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TILLY, C. *Regimes and repertoires*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TILLY, C. *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons*. New York: Russell Sage Foundation, 1984.